



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA EM AMBIENTES  
EDUCATIVOS: A PROPOSTA INOVADORA DA ESCOLA DA PONTE**

AMANDA RODRIGUES RAMOS

Brasília – DF

2015

Amanda Rodrigues Ramos

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA EM AMBIENTES  
EDUCATIVOS: A PROPOSTA INOVADORA DA ESCOLA DA PONTE**

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia, à Comissão examinadora da  
Faculdade de Educação da Universidade  
de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues

Brasília – DF

2015

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

AMANDA RODRIGUES RAMOS

### **O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA EM AMBIENTES EDUCATIVOS: A PROPOSTA INOVADORA DA ESCOLA DA PONTE**

Trabalho de Conclusão de Curso  
defendido sob a avaliação da Comissão  
Examinadora constituída por:

---

**Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues - Orientadora  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

---

**Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues - Membro Titular  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

---

**Profa. Dra. Maria de Fátima Guerra de Souza – Membro Titular  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**

Data da aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela realização deste sonho na minha vida.

Agradeço a minha mãe por ser a minha base, por estar ao meu lado em cada momento desta jornada, pelo apoio, cuidado e amor que sempre foram tão presentes.

Agradeço aos amigos que estiverem presentes durante a caminhada e aos que foram feitos durante ela, a aqueles que me arrancaram por várias vezes sorrisos e enxugaram outras vezes as lágrimas.

Agradeço a minha orientadora, Maria Alexandra Militão Rodrigues, pela generosidade, paciência e tempo dedicado, por me estimular e acreditar no meu projeto.

Agradeço aos professores com os quais tive a oportunidade de conviver e aprender muito, não só sobre o curso, mas sobre a vida.

E por fim agradeço ao universo por todas as casualidades e acontecimentos que foram aos poucos me tornando o que sou hoje.

*“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas.  
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros  
desaprendam a arte do voo.  
Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.  
Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser.  
Pássaros engaiolados sempre têm um dono.  
Deixaram de ser pássaros.  
Porque a essência dos pássaros é o voo.  
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.  
O que elas amam são os pássaros em voo.  
Existem para dar aos pássaros coragem para voar.  
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce  
dentro dos pássaros.  
O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”*

*Rubem Alves*

## RESUMO

O presente trabalho aborda o processo de construção da autonomia em ambientes educativos inovadores, pautando-se na proposta da Escola da Ponte, em Portugal. Teve como objetivo investigar o processo de ensino/aprendizagem e, em especial, os dispositivos pedagógicos utilizados na Escola da Ponte e como estes contribuem para a constituição de sujeitos mais autônomos. Para isso, foi realizada uma reflexão teórica sobre o conceito de autonomia com base em autores como Piaget (1994), Gadotti (1992), Freire (1979) e Pacheco (2011). A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, por meio da Análise Documental, Observação não participante e reconstrução de um Diário de Campo. Apresentou-se a proposta de educação inovadora da Escola da Ponte, caracterizando-se a sua prática de ensino/aprendizagem e os seus dispositivos pedagógicos, no sentido de compreender o processo de desenvolvimento da autonomia dos educandos. Assim, com base na prática educativa dessa escola, foi possível compreender a autonomia como valor fundamental para uma educação que se preocupe com a formação do indivíduo enquanto ser integral e sujeito do seu próprio processo formativo, que estimule o autoconhecimento, a curiosidade, a cooperação e respeite as características singulares de cada sujeito. Refletiu-se ainda acerca do papel da escola na sociedade contemporânea, seus objetivos e valores. Ao compreender a dinâmica pedagógica da Escola da Ponte, foi possível conjecturar sobre a construção da escola pública pautada na aprendizagem colaborativa e significativa, geradora de sujeitos mais autônomos.

**Palavras-chave:** Autonomia; Dispositivos Pedagógicos; Proposta inovadora.

## ABSTRACT

This work addresses the autonomy-building process in educational environments, based on the novel proposal of the “Escola da Ponte”, a Portuguese school. It aims to investigate the teaching/learning process, especially the pedagogical devices applied by the “Escola da Ponte” school and how they aid in the construction of more autonomous subjects. To achieve that goal, a theoretical reflection on the concept of autonomy was made, based on authors like Piaget (1994), Gadotti (1992), Freire (1996) and Pacheco (2011). The methodology consisted of qualitative research, through Document Analysis, non-participant observation and reconstruction of a Field Diary. The innovative educational proposal of the “Escola da Ponte” school was shown, illustrating its teaching/learning practice and pedagogical devices, with hopes to better understand the autonomy development process of learners. Thus, based on practical experience, it was possible to grasp autonomy as a key value of an education process that values the learner’s formation as a complete being, master of its own learning development, fostering self-knowledge, curiosity and cooperation, respecting the individual characteristics of each subject. It also reflected on the school’s role in contemporary society, its goals and values. By understanding the pedagogical dynamic of the “Escola da Ponte” school, it was possible to speculate about building a public school system based on collaborative and meaningful learning, which is able to generate more autonomous individuals.

**Key-words:** Autonomy; Pedagogical Devices; Innovative proposal.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
PARTE I: MEMORIAL .....	10
O início de tudo .....	10
Brincando de crescer .....	11
A descoberta de um novo mundo.....	12
Vivências acadêmicas.....	12
PARTE II: INTRODUÇÃO .....	16
CAPÍTULO 1 - SIGNIFICANDO AUTONOMIA.....	18
1.1 Contribuições da teoria piagetiana: da Anomia à Autonomia.....	18
1.2 Paulo Freire e a Autonomia para a Pedagogia .....	21
1.3 O valor da Autonomia na perspectiva de José Pacheco.....	24
CAPÍTULO 2 - CONSTRUINDO A PONTE .....	27
2.1 Histórico .....	27
2.2 Organização pedagógica .....	29
CAPÍTULO 3 - O CAMINHO ATÉ A PONTE .....	32
2.3 Análise documental.....	33
2.4 Observação.....	33
CAPÍTULO 4 - CRUZANDO A PONTE .....	35
4.1 Grupos de responsabilidade .....	37
4.2 Plano quinzenal e Plano do dia.....	38
4.3 Eu já sei .....	39
4.4 Preciso de ajuda/Posso ajudar.....	39
4.5 Assembleia.....	40
4.6 Acho bem/Acho mal .....	42
4.7 Comissão de ajuda .....	42
4.8 Caixinha de segredos.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
PARTE III: PERSPECTIVAS FUTURAS .....	47
REFERÊNCIAS.....	48



## APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi realizado no primeiro semestre de 2015 e a sua elaboração originou-se das vivências e inquietações pedagógicas ao longo da minha graduação. O trabalho encontra-se organizado em três partes: memorial, monografia e perspectivas futuras.

A primeira parte consiste no memorial, no qual busco refletir sobre o meu percurso escolar, trazendo aspectos importantes para a minha formação pessoal e profissional, identificando os caminhos trilhados durante a graduação que conduziram à escolha do tema do presente trabalho.

A segunda parte deste trabalho é a monografia, que se divide em quatro capítulos. No primeiro apresento o conceito de Autonomia, à luz de teóricos como Piaget, Freire, Gadotti e Pacheco.

No segundo capítulo adentro a proposta pedagógica da Escola da Ponte, contextualizando-a historicamente e caracterizando seu projeto educativo, como forma de compreender o contexto da pesquisa.

O terceiro capítulo destina-se à apresentação da metodologia da pesquisa. Nele é explicitada a abordagem qualitativa e as técnicas utilizadas: Análise Documental, Observação não participante e a reconstrução de um Diário de Campo.

Já o quarto capítulo aborda a análise de dados, apresentando-se a pesquisa realizada e dialogando com alguns pontos da fundamentação teórica. Por fim, as considerações finais, em que reflito sobre a pesquisa e suas contribuições.

A terceira parte do Trabalho de Conclusão de Curso refere-se às perspectivas futuras, sendo abordadas minhas intenções e expectativas como educadora.

## **PARTE I: MEMORIAL**

A construção do meu memorial apresenta-se como um desafio para mim. A autorreflexão sobre a minha trajetória de vida é um delicado e atento processo de reconhecimento e reencontro com a minha história no mundo. Uma reflexão sobre os acontecimentos, os desafios, as conquistas, as aprendizagens, sobre o meu processo de formação até hoje.

Devo confessar que algumas memórias me causam certa angústia. Esse processo de retomada do passado me faz repensar sobre muitas coisas, mas acima de tudo, acredito que me leva a analisar de maneira mais crítica os processos vivenciados durante a minha trajetória.

Este memorial, além de uma visita à minha pequena grande história, é também um processo reflexivo acerca de minha formação como pessoa e educadora. E um pouco de como eu percebo a minha história de vida, de escola, de universidade.

### **O início de tudo**

A história começa aqui, no lugar que eu apelidei carinhosamente de “cidade de céu mágico”. Nascida em Brasília, meus pais se separaram antes mesmo de eu nascer. A figura paterna não foi presente na minha vida, minha recordação é dele aparecer uma vez por ano com algum presente, pelo meu aniversário; também teve alguns anos em que ele não vinha. Logo, fui criada com minha mãe, uma mulher forte e batalhadora que me ensinou boa parte do que sei/sou.

Minha mãe preocupava-se muito com a minha educação, e sempre fez questão de que eu estudasse em escolas particulares. Meu processo educacional foi bastante agitado: fiz a educação infantil em uma escolinha no Núcleo Bandeirante que pertencia a minha tia por parte de pai, não tenho muitas lembranças dessa fase; Recordo-me das brincadeiras e um pouco do espaço da escola. Minha mãe diz que eu fui uma criança muito tranquila, não chorava muito, já acordava dando gargalhada, e que eu comecei a andar e falar cedo.

## **Brincando de crescer**

Durante o ensino fundamental eu passei por três escolas, todas elas escolas católicas marcadas pelo ensino tradicional e por um grande rigor. Sempre fui rotulada como “boa aluna”, ou seja, tinha boas notas, um bom comportamento e seguia as regras impostas. Hoje me questiono profundamente sobre esses rótulos que nos são atribuídos durante o processo escolar e o quanto isso vai na contramão de uma educação libertadora e conscientizadora.

Além das lembranças escolares dessa fase, o que me marca são as lembranças das brincadeiras, das amizades. Apesar de ter sido uma criança de apartamento, isso não me impediu de explorar o mundo lá fora, brincar de faz de conta, correr, jogar beto, queimada, pular corda, subir em árvores... Ah essas sim, são as melhores lembranças!

Já meu ensino médio, foi todo feito em outra escola, também católica, marcada por um ensino conteudista e voltada para que seus alunos passassem no vestibular. Então, todo bimestre nós tínhamos uma prova que imitava um pouco do vestibular, ou seja, era uma prova extensa onde caíam todos os conteúdos de todas as disciplinas. Recordo-me de detestar essa prova e ficar sempre muito apreensiva na véspera de realizá-la, acho que talvez venha daí a minha falta de “afinidade” com a palavra “prova”.

O ensino médio é um momento complicado dentro da fase escolar porque somos muito pressionados de todos os lados pela escolha de uma profissão, pela “obrigação” de passar em uma universidade pública. São tantos conteúdos para se “aprender” que mal conseguimos finalizar um e já estamos iniciando outro. Recordo-me das aulas de matemática, física, química, eu quase não tinha tempo para compreender um conteúdo e o professor já estava iniciando outro, “Não podemos perder tempo!”, diziam eles.

Foi assim, nessa correria pela tão sonhada vaga em uma universidade federal, que eu passei, no dia 31 de janeiro de 2011, para Pedagogia pelo PAS na Universidade de Brasília. Por coincidência ou presente do destino, o resultado saiu no dia do meu aniversário, mas que presente, hein! Não poderia esperar algo melhor, peguei o telefone e dei a notícia para a minha mãe, que estava no trabalho. Sua euforia era tão grande, que quase parecia ter sido ela a felizarda. Foi um dia marcante para a minha trajetória enquanto futura educadora e o começo de um novo mundo.

## **A descoberta de um novo mundo**

A universidade se apresentou para mim como um lugar completamente novo e desafiante. Os primeiros contatos foram de estranhamento e ao mesmo tempo encantamento. Fui aprendendo a lidar aos poucos com a liberdade que este espaço me proporcionava, com a necessidade de que o sujeito fizesse sua própria trajetória formativa. Antes disso sempre me disseram o que eu devia ou não fazer, o que se devia aprender, e o que era ou não importante. A possibilidade de traçar o seu caminho era algo novo que era fascinante e assustador ao mesmo tempo.

E foi assim, entre acertos e erros, que fui aos poucos construindo minha identidade enquanto pedagoga, minha concepção de educação, e fui também compreendendo o mundo de maneira mais crítica.

## **Vivências acadêmicas**

Logo no meu primeiro semestre na Faculdade de Educação tive a oportunidade de participar do 31º Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia, em João Pessoa. O encontro tinha como tema a Educação Popular e propunha mesas, plenárias e oficinas, como forma de discussão dos estudantes sobre o tema. O encontro foi uma experiência marcante na minha (trans)formação: o contato com estudantes de diversas partes do país, discutindo temas referentes à educação, formação docente e organização política dos estudantes, me despertou para um mundo completamente novo e impactante. Um encontro marcado por posicionamentos e reflexões fortes, que de certa forma começaram a fazer aflorar minha percepção crítica.

Durante a realização da disciplina Educação em Geografia, desenvolvemos um trabalho final que relacionava a construção do espaço com as relações estabelecidas naquele espaço, junto com a temática de Educação de Jovens e Adultos. Por afinidade e identificação com o tema, fui convidada pela Professora Maria Lídia para participar do projeto de extensão - Portal dos Fóruns de EJA do Brasil. O projeto consistia em dar continuidade ao desenvolvimento de comunidade de aprendizagem virtual multimídia envolvendo todos os entes da federação, de forma a dar visibilidade aos avanços e discussões acerca da EJA no Brasil.

Foi a minha primeira participação em um projeto de extensão, o que me possibilitou um crescimento acadêmico fundamental para a minha formação, pois

acredito que a participação em projetos de extensão seja um dos caminhos para se alcançar uma formação acadêmica completa, que associa teoria e prática num diálogo com a sociedade e possibilita uma troca de saberes e experiências entre ambos. Acredito, também, que através disso se estimula a socialização e construção de novos conhecimentos.

Também tive a oportunidade de conhecer o projeto de extensão de Economia Solidária e Educação, desenvolvido pela professora Sonia Marise. O projeto acontecia em uma escola alternativa localizada em Alto Paraíso. Foi uma experiência completamente nova, tanto no âmbito da minha formação profissional, quanto no da minha vida pessoal. Durante o projeto estive em contato com pessoas diferentes, com uma cultura diferenciada, o que vai desde as coisas mais simples, como a alimentação, pelo fato de a comunidade ser vegetariana, até as mais complexas, como a visão de vida. Aprendi a respeitar e, acima de tudo, também me senti respeitada.

Aprendemos, por meio dos conceitos da economia solidária, a trabalhar em união, em prol da coletividade, sem deixar de respeitar a individualidade de cada um dentro do todo, cooperando entre si. Construimos um trabalho que foi importante para a comunidade, e também para nós mesmos, na busca em vivenciar a prática daquilo que havíamos aprendido na teoria. Acredito ter sido uma experiência extremamente válida para minha formação acadêmica, pois poucas vezes temos a oportunidade de vivenciar a prática daquilo que teorizamos em sala de aula, e quando isso ocorre o sentimento de pertencimento é muito maior.

Sempre tive a vontade de viver a experiência de um intercâmbio, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional e pela experiência de troca cultural riquíssima. No primeiro semestre de 2014 tive a oportunidade de participar do programa de mobilidade internacional ofertado pela UnB em parceria com diversas universidades do mundo. Assim, estudei durante um semestre na Universidade do Porto, em Portugal. A experiência de intercâmbio em Portugal mudou minha visão de mundo e expandiu meus horizontes. Foi um processo de (trans)formação e autoconhecimento muito importante: o fato de morar sozinha em outro país fez com que eu amadurecesse mais, conhecesse melhor quem eu era e o que queria. Também me impactou a possibilidade de conhecer outras culturas e conviver com pessoas completamente diferentes. Aprendi a me adaptar ao novo e a respeitar os costumes e

valores de cada indivíduo. Foi um verdadeiro mergulho em experiências culturais e trocas de saberes.

Estudei durante os seis meses na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Tive a oportunidade de conhecer professores maravilhosos e fazer muitos colegas durante as disciplinas que cursei: Investigação-Ação em Educação, Avaliação em Educação e Formação, Oficina de Escrita, Comunicação e Relação Humana, e Organização e Administração Educacional.

Além da experiência na Universidade do Porto, também aproveitei para conhecer a tão famosa Escola da Ponte, da qual já havia escutado falar e lido a respeito algumas vezes durante a minha graduação. A escola é localizada em Vila das Aves, próximo do Porto. É uma escola pública autônoma, que desenvolve um projeto inovador há mais de 30 anos, fundamentado na Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade.

Tive a oportunidade de visitar a escola e conhecer um pouco daquela realidade, e claro que logo fui tomada pelo projeto e suas propostas. A Escola me fez refletir sobre as possibilidades de construção de uma escola pública de qualidade, que estimula a autonomia de suas crianças e o trabalho cooperativo, que respeita as diferenças, os gostos e os ritmos de aprendizagem de cada criança. Foi a partir desse momento que a autonomia e o processo de construção de identidade dentro do processo educativo me despertaram interesse enquanto possível tema de pesquisa.

Ao retornar para o Brasil, participei do Projeto Autonomia, como é conhecido o Projeto de Extensão de Ação Continuada “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras”, fruto de um trabalho cooperativo entre a Faculdade de Educação e o Instituto de Psicologia”, que acolhe estudantes desses e outros cursos. O projeto propõe justamente discutir e desenvolver propostas de educação inovadora, em diálogo com a escola pública e uma escola associativa do DF, tendo como uma de suas inspirações a Escola da Ponte. A experiência serviu para firmar a minha paixão pelo tema e conhecer outras propostas tão belas quanto a da Ponte. Conheci propostas como a escola de Piracanga no sul da Bahia, a Associação Vivendo e Aprendendo em Brasília, o Projeto Âncora em Cotia, e diversas outras que me inspiraram ainda mais a acreditar em uma educação libertadora e promotora de autonomia do sujeito no seu processo formativo. Sendo assim, aqui estou eu hoje, neste caso de amor que busca colher como fruto a construção de um trabalho de

conclusão de curso repleto de significado para minha formação, inspirado naquilo em que acredito.

## PARTE II: INTRODUÇÃO

A escolha do tema “O processo de construção de autonomia em ambientes educativos: a proposta inovadora da Escola da Ponte” surge a partir das minhas vivências durante a graduação e dos questionamentos que durante a própria formação foram-se apresentando.

Durante a minha formação enquanto educadora, a educação tradicional, aquela que doutrina, padroniza, pune e exclui, sempre foi para mim motivo de angústia, de inúmeros questionamentos e reflexões acerca do papel transformador do educador, e das possibilidades de superação destes traços ainda presentes nos dias atuais, na educação brasileira.

A possibilidade de estar em contato com propostas pedagógicas inovadoras, de conhecer escolas que fogem completamente do “padrão tradicional”, que se desprendem do rigor das técnicas e métodos, e preocupam-se com a formação do indivíduo enquanto ser integral, enquanto sujeito do seu próprio processo formativo, é algo que foi tomando “tom” durante a minha formação. Tal perspectiva despertou meu interesse pela possibilidade de se repensar e ressignificar o processo de ensino-aprendizagem, buscando princípios, recursos e dispositivos que favoreçam o desenvolvimento da autonomia da criança, estimulem o autoconhecimento e respeitem as características individuais de cada sujeito, colaborando com a construção da sua identidade.

Esse processo, que se inicia quando nascemos e desenvolve-se ao longo da vida, é influenciado pela cultura, ambiente e pessoas com as quais convivemos. Implica em descobrir-se enquanto sujeito, explorando habilidades e limites, identificando gostos e preferências, reconhecendo-se como sujeito único em meio a tantos outros sujeitos únicos. A escola, então, desempenha um papel fundamental na construção da autonomia da criança.

Paulo Freire ressalta a importância de se considerar e respeitar os alunos e os conhecimentos por eles trazidos para a sala de aula, ou seja, reconhecer a criança como um sujeito concreto, produtor de cultura e agente atuante na transformação da sociedade.



A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (FREIRE, 1999, p. 70)

Movida pelas questões mencionadas, visitei em 2014 a Escola da Ponte, no norte de Portugal, no contexto de um intercâmbio com a Universidade do Porto e tive a oportunidade de conhecer ao vivo sua proposta e prática pedagógica inovadora, que tem como pilares a autonomia, a solidariedade, a responsabilidade e a cooperação. A autonomia, neste contexto, despertou meu especial interesse, pela forma como ela é estimulada na prática educacional, por meio dos princípios educativos e dispositivos pedagógicos utilizados.

Nesse sentido, a questão de Pesquisa do presente trabalho é: Como uma escola inovadora, enquanto espaço propiciador de construção do conhecimento e desenvolvimento humano, favorece e estimula o processo de construção de autonomia dos seus educandos?

O Objetivo Geral é compreender a construção e o desenvolvimento da autonomia de crianças em um ambiente educativo inovador.

Os objetivos específicos são:

- ✓ Refletir acerca do conceito de Autonomia.
- ✓ Caracterizar a proposta pedagógica da Escola da Ponte.
- ✓ Analisar práticas de ensino/aprendizagem promotoras de autonomia.
- ✓ Caracterizar os dispositivos pedagógicos utilizados para o desenvolvimento da autonomia.

## **CAPÍTULO 1 - SIGNIFICANDO AUTONOMIA**

Este capítulo tem como objetivo trazer reflexões sobre o conceito de autonomia à luz de importantes autores e referências teóricas no âmbito da Educação e da Psicologia.

Segundo Gadotti (1992) a palavra autonomia tem origem do grego e significa capacidade de autodeterminar-se, de auto realizar-se, ou seja, governar-se a si próprio. Nesse sentido, uma escola autônoma é aquela que governa a si própria. No que concerne à educação, o debate atual acerca do tema tem origem no processo dialógico de ensinar contido na filosofia grega, que acreditava na capacidade do educando buscar resposta às suas próprias perguntas, exercitando, portanto, sua formação autônoma.

A ideia de uma educação que é contra o autoritarismo vai, ao longo do tempo, consolidando a experiência de autonomia dos atores envolvidos no processo educativo, podendo ser compreendida como autogoverno, autodeterminação, auto formação, autogestão, e constituindo uma forte tendência na área. Porém, Gadotti (Ibidem) alerta para a não existência de uma autonomia absoluta, na medida em que esta encontra-se sempre condicionada pelas circunstâncias, portanto, a autonomia será sempre relativa e historicamente determinada.

### **1.1 Contribuições da teoria piagetiana: da Anomia à Autonomia**

Jean Piaget – biólogo, filósofo e epistemólogo que teceu uma das importantes teorias acerca do desenvolvimento cognitivo – aborda na sua obra o desenvolvimento moral e a formação da autonomia da criança. Ao avaliar a consciência das regras pelas crianças (PIAGET, 1994, apud FÁVERO, 2005), caracteriza três estágios do seu desenvolvimento moral: anomia, heteronomia e autonomia.

Conhecido como anomia, no primeiro estágio a criança não tem consciência da regra; o cumprimento da regra pela criança pode ser um ritual motor ou ser apenas suportada e cumprida de forma inconsciente, não como uma realidade obrigatória.

A partir do momento em que a criança passa a ter consciência da regra, ela entra no estágio da heteronomia. Nesta segunda etapa a criança passa a compreender e a cumprir as regras morais. E o cumprimento das regras se deve

principalmente à coação adulta, a partir de uma relação de respeito unilateral. O sentimento de obrigatoriedade é imposto pela autoridade externa e está sempre relacionado à obediência, que se deve à admiração que a criança tem pelo adulto, ou ao medo das sanções.

Compreende-se por heteronomia, a condição de submissão do sujeito às determinações externas. O sujeito heterônomo é, portanto, aquele que não conseguiu libertar-se da vontade dos outros, que obedece a leis e segue princípios que são exteriores à própria razão. Neste âmbito, a consciência não avalia o ato em si e em suas circunstâncias, mas a transgressão de uma regra.

Piaget aborda que o estágio da heteronomia é uma fase em que a criança pequena vivencia de forma mais intensa seu egocentrismo natural. Nessa fase, por ainda estar centrada em si mesma, a criança não se coloca no lugar dos outros e também não consegue ter uma relação de cooperação e de solidariedade, requisito fundamental para atingir uma moral autônoma. Piaget traz a seguinte reflexão:

O egocentrismo, na medida em que é confusão do eu com o mundo exterior, e o egocentrismo, na medida em que é falta de cooperação, constituem um único e mesmo fenômeno. Enquanto a criança não dissocia seu eu das sugestões do mundo físico e do mundo social, não pode cooperar, porque para tanto é preciso estar consciente de seu eu e situá-lo em relação ao pensamento comum. Ora, para tornar-se consciente de seu eu, é necessário, exatamente, libertar-se do pensamento e da vontade do outro. A coação exercida pelo adulto ou pelo mais velho e o egocentrismo inconsciente do pequeno são, assim, inseparáveis. (PIAGET 1994, apud Fávero, 2005, p.81)

Sendo assim, a coação externa e a imposição de regras vão sustentando a moral heterônoma, que também acaba por reforçar o egocentrismo. Quando há um ambiente onde não há discussão sobre as regras, nem conflitos de ideias e comportamentos, e simplesmente só se obedece a regras, acaba por se favorecer a permanência do egocentrismo natural. Este só pode ser superado por meio do conflito que surge do confronto entre sujeitos em condições de igualdade, mas com interesses diferentes.

Entrar em conflito é condição para que os indivíduos consigam se libertar tanto do egocentrismo intelectual como do egocentrismo moral, isto porque este é causador de desequilíbrio, o que estimula o organismo a buscar respostas que permitam a recuperação do equilíbrio.

As crianças aprendem entre si a solucionar conflitos, quando passam a sentir necessidade de resolver seus problemas de relacionamento, por elas mesmas, ou seja, sem a intervenção de um adulto. Quando as crianças discutem sobre os seus comportamentos, confrontam pontos de vista diferentes, opiniões diversas, analisam a maneira de se conceber a justiça, elas estão, gradativamente, deixando para trás a moral heterônoma e o egocentrismo.

Nesse sentido, não será desenvolvida a consciência moral, se estas permanecerem dependentes de uma moral externa, imposta pela autoridade. Ou seja, à medida que a coação adulta, as punições e imposições de regras, forem maiores, menores serão a probabilidade de se ter um sujeito autônomo, e maior também a possibilidade deste sujeito ser dependente (Idem, Ibidem).

Já no estágio da autonomia, Piaget (1994) acredita que a cooperação e o respeito mútuo, no que concerne o campo intelectual, conseguem libertar as crianças daquilo que lhes é inculcido, trazendo lugar para as opiniões próprias, por meio da coerência interna e do controle recíproco; no que se refere ao campo moral, as normas da autoridade serão trocadas pela norma imanente à ação e à consciência. Piaget esclarece a questão com as seguintes palavras:

Que a cooperação seja um resultado ou uma causa da razão, ou ambos ao mesmo tempo, a razão tem necessidade da cooperação, na medida em que ser racional consiste em “se situar” para submeter o individual ao universal. O respeito mútuo aparece, portanto, como condição necessária da autonomia sob seu duplo aspecto intelectual e moral. Do ponto de vista intelectual, liberta as crianças das opiniões impostas e do controle recíproco. Do ponto de vista moral, substitui as normas da autoridade pela norma imanente à própria consciência, que é reciprocidade na simpatia. (PIAGET, 1994, p.91)

Portanto, não existe autonomia sem que haja cooperação e respeito mútuo. Piaget (Ibidem) acredita na importância do trabalho em grupo no cotidiano escolar, e também rebate a tendência do ensino tradicional em realizar estritamente trabalhos individuais com os educandos, pois segundo ele isto reforça o egocentrismo espontâneo da criança e conseqüentemente apresenta-se contrário ao desenvolvimento intelectual e moral. Como explica La Taille:

A cooperação tem seu início, segundo Piaget, na relação entre crianças, daí a simpatia que ele sempre teve pelos trabalhos em grupo como alternativa pedagógica. Mas porque as relações entre crianças representam o ponto de partida da cooperação? Simplesmente pelo

fato de que não há hierarquias pré-estabelecidas entre as crianças que se concebem iguais umas às outras. Uma vez iniciada a cooperação pela sua convivência com iguais, a criança tenderá a exigir cada vez mais e de todos que se relacionem com ela desta forma. (LA TAILLE, 1992, p.20)

Desta maneira, quando a criança atinge o pensamento autônomo, ela deixa de apenas respeitar as regras impostas de forma exterior a ela, mas passa também a relacionar o seu ponto de vista com o ponto de vista coletivo, construindo então suas próprias regras morais.

Cabe a nós, enquanto educadores, a reflexão acerca de como construir um ambiente capaz de desenvolver o espírito cooperativo nas crianças. É na convivência com o grupo que a criança vai tomando consciência de que as regras não são todas iguais, nem “intocáveis”, e algumas chegam até a ser contraditórias. Aprendem que é impossível a convivência com o grupo sem que haja regras. Então, formulam suas próprias regras, por meio da discussão. Por isso, é importante que as crianças tenham a experiência da democracia, para que estas, ao participar de um grupo, sejam capazes de aprender a conviver.

## **1.2 Paulo Freire e a Autonomia para a Pedagogia**

No Brasil, a reflexão acerca do conceito de autonomia que ganhou destaque para alguns pensadores na educação moderna, surge na obra de Freire com um sentido sócio-político-pedagógico. Para Freire (1979) autonomia é a condição sócio histórica de um povo ou pessoa que tenha se libertado, se emancipado das opressões que restringem ou anulam sua liberdade de determinação.

A autonomia tem a ver com o que Freire (Ibidem, p. 106) chama de "ser para si", e conquistar a própria autonomia implica em se libertar das estruturas opressoras. Já a heteronomia é a condição de um indivíduo ou grupo social que se encontra em situação de opressão, de alienação, situação em que se é "ser para outro". Zatti explica que “toda opressão, que em si mesma é alienante, leva o homem a ser para outro e ser menos, é negação da liberdade humana, é negação de seu caráter criativo e criador, é heteronomia.” (2007, pg. 39).

Em sua obra “Pedagogia da Autonomia” Freire aborda a necessidade do educador que trabalha com crianças de "estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia" (1996, p. 70), por meio da seguinte reflexão:

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (Idem, Ibidem, p. 107)

Sendo assim isto não acontece de repente e a todo o momento. É um processo que vai se constituindo por meio das mais diversas experiências ao longo da vida.

Freire acredita que a pedagogia da autonomia deve estar "fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando" (1996, p. 10). A Educação deve ter como um de seus objetivos a autonomia de seus educandos, a medida em que esta deve ser conquistada e construída a partir das decisões, vivências, e também da própria liberdade do sujeito.

Portanto, ainda que a autonomia seja um atributo humano essencial, no que se refere a ideia de dignidade, ninguém é espontaneamente autônomo, pois esse é um processo que se vai construindo. E cabe à educação proporcionar contextos formativos que estimulem a curiosidade, a liberdade e a participação, para que os educandos possam se fazer autônomos.

Com base nos conceitos abordados, podemos refletir que a autonomia não se dá no isolamento, pois é na convivência com o outro que encontramos a referência para as nossas ações e é, nesse sentido, que elas caminham junto com a solidariedade. Nas reflexões trazidas por Freire a respeito da prática docente, o processo de ensino-aprendizagem colaborativo constitui-se de sujeitos diferentes em si. No entanto, um não existe sem o outro: "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (FREIRE, 1997, p.23). Daí que o conhecimento não é transferido de um sujeito a outro, mas construído em uma reciprocidade no processo relacional das práticas educativas em que educador e educando assumem ambos os papéis, assim se constituindo mutuamente. Freire acrescenta ainda que "transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador" (FREIRE, 1996, p.33).

Nesse sentido, a autonomia é algo construído cultural e educacionalmente, não sendo, portanto, natural: depende da relação do sujeito com os outros e destes com o conhecimento. Sendo assim, o ato de ensinar, segundo Freire, não significa "(...) transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou a sua construção" (Idem, Ibidem, pg. 22)

Educar para a autonomia supõe respeitar as diferenças e particularidades de cada sujeito, mas também a rejeição a qualquer tipo de segregação, seja ela de classe, raça, gênero, etc. “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação” (Idem, *Ibidem*, p. 35). Exige também um processo dialógico, conforme nos aponta o grande educador:

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e que não funde na dialogicidade. O pensar certo, por isso, é dialógico e não polêmico. (Idem, *Ibidem*, p. 38)

Ser autônomo não significa autossuficiência, mas sim estar aberto à comunicação com o outro, com o diferente, e estar aberto à comunicação com o outro, segundo Freire, é pensar certo. "Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento, do ponto de vista do pensar certo, não é transferido, mas coparticipado" (Idem, *Ibidem*, p. 37). O pensar certo é dialógico, é aberto ao outro, igual enquanto membro da humanidade e diferente enquanto sujeito único. Portanto, a autonomia supõe o respeito tanto à dignidade do sujeito enquanto membro da humanidade, quanto o respeito às suas especificidades enquanto indivíduo.

Para a prática de uma educação autônoma é necessário que o sujeito assumisse “como ser social e histórico, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.” (Idem, *Ibidem*, p. 41). Assumir-se não significa a exclusão do outro, “é a outredade do não eu, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.” (Idem, *Ibidem*, p.41). Essa assunção liga-se à identidade cultural do sujeito, sua dimensão individual e sua classe. Assumir-se implica para o sujeito o desafio de ser autêntico, sendo o que é a partir de si mesmo, e tornando-se autônomo. Para que o educando seja motivado a assumir-se, o educador deve respeitar sua autonomia.

Defendemos que uma educação que visa promover a autonomia deve atentar para a formação do ser humano e não apenas para o ensino-aprendizagem de conteúdos. Dessa forma, precisa atentar para todos os elementos envolvidos na educação: a postura do professor, da direção, a situação material da escola, a participação dos pais, os conteúdos a serem apreendidos, etc. A formação ocorre na interação de todos os elementos que envolvem a educação, por isso todos eles devem ser pesados de tal forma a contribuir para a aprendizagem crítica e para a construção gradativa da autonomia do educando. (ZATTI, 2007, p. 56)

O assumir-se enquanto sujeito da sua própria assunção permite que este possa ser ele mesmo, ou seja, que possa ser autônomo. "A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário" (FREIRE, 1996, p. 42). A assunção implica em autenticidade, ou seja, em o sujeito ser aquilo que é partindo de si mesmo, por isso, para alcançar a autonomia o sujeito precisa assumir-se. O assumir-se, enquanto exigência de ser autêntico, abrange as dimensões ética e estética. Para que isso ocorra, ou seja, para que o educando atinja tal assunção, o educador deve respeitar a autonomia do mesmo.

Portanto, Freire traz grandes contribuições reflexivas sobre o educando e o educador, sobre o processo de ensino-aprendizagem na perspectiva de uma relação dialógica, pautando-se na reflexão referente à autonomia como princípio pedagógico para uma educação libertadora. De maneira a propiciar meios para que o educando possa desenvolver sua subjetividade, possa criar suas próprias representações de mundo de acordo com suas concepções, possa construir seus argumentos e também possa defender a construção de uma sociedade mais equilibrada, justa e equitativa.

### **1.3 O valor da Autonomia na perspectiva de José Pacheco**

Como foi abordado a partir das reflexões sobre obra de Freire, a autonomia é um conceito que abarca múltiplas dimensões. Pacheco, em sua obra "Dicionário de Valores" (2012), também reconhece que autonomia é um conceito fortemente relacionado a outros, que só pode ser compreendido na sua relação complementar e contraditória com a dependência:

Autonomia não é um conceito isolado, nem se define em referência ao seu oposto – define-se na contraditória complementaridade com a dependência, no quadro de uma relação social aberta. O conceito de singularidade é-lhe próximo, mas situa-se aquém da autonomia, porque o reconhecimento da singularidade consiste na aceitação das diferenças interindividuais, enquanto autonomia é o primeiro elemento de compreensão do significado de "sujeito" como complexo individual. Ou, como diria Morin, a componente egocêntrica deste complexo é englobada numa subjetividade comunitária mais larga, porque ser sujeito é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente." (PACHECO, 2012, p.2 e 3).

Uma educação para a autonomia deve proporcionar ao educando a oportunidade de construir e conquistá-la a partir de sua vivência, da própria liberdade.



Segundo Pacheco (2012, p. 15), se o professor pretende despertar sentimentos de respeito ou de responsabilidade nos seus estudantes, precisa colocar esses sentimentos nas suas atitudes.

Este é um grande desafio, reconhecer que o primeiro passo e possível caminho é buscar sua própria autonomia enquanto sujeito/educador, para compartilhar com as crianças palavras e atitudes repletas de sentido real, por ser a sua verdade. Na obra de Pacheco “Escola da Ponte: formação e transformação da educação” (2011), encontramos o seguinte depoimento:

Temos de mudar e a mudança faz-se à custa de sofrimento e compreensão de nós próprios e dos outros [...] precisamos de ser profissionais e não professores em part-time [...] ao longo de todo o ano escolar, travei uma luta comigo no sentido de ser diferente, como professor, mais autônomo e mais ativo. Penso que não o consegui totalmente e que ainda estou a aprender a ser autônomo para criar alunos autônomos (FRITZEL, 1987, p. 117, apud PACHECO, 2011).

Em sua outra obra, Dicionário de Valores de Educação, Pacheco destaca o papel dos pais e educadores no processo de construção de autonomia da criança:

É, essencialmente, com os pais e os professores que a criança encontra os limites de um controlo que lhe permite progredir numa autonomia, que é liberdade de experiência e de expressão dentro de um sistema de relações e de trocas sociais. (PACHECO, 2012, p. 11)

Sendo assim, a educação para a autonomia deve estar centrada em contextos formativos e relacionais de trocas sociais que proporcionem aos educandos experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, tornando-os sujeitos autônomos.

Pacheco também acredita que a autonomia enquanto assumir-se não significa a exclusão do outro. “Fomentemos uma autonomia, que não é autossuficiência e solidão, mas algo que se exerce relativamente ao outro, com o outro, sem desistir do outro” (PACHECO, 2012, p.16). Ainda de acordo com o autor, “A autonomia exprime-se como produto da relação. Não existe autonomia no isolamento, mas na relação EU-TU.” (Idem, Ibidem, p.11). É nas relações construídas com os pais e os professores que a criança vai encontrar os limites, permitindo assim que ela cresça

em sua autonomia, dando liberdade a suas expressões dentro da relação com o outro e com o meio social.

Desta forma, a autonomia deve levar em conta a capacidade que o sujeito adquire de agir com responsabilidade durante seu processo de desenvolvimento e por meio das relações que estabelece com o meio. Levando em consideração que ser autônomo implica: tomar decisões de forma consciente e crítica, assumir compromissos e consequências, e ter consciência das condições materiais que caracterizam as práticas sociais.

## **CAPÍTULO 2 - CONSTRUINDO A PONTE**

Este capítulo tem como objetivo contextualizar historicamente a Escola da Ponte e caracterizar a proposta pedagógica da mesma.

A Escola da Ponte desenvolve, há mais de 30 anos, um projeto de educação reconhecidamente inovador, visitado e estudado por pesquisadores e educadores de muitos países. Rubem Alves, inspirado na visita à escola, escreveu em 2001, o livro “A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir”, que despertou a curiosidade e interesse dos educadores brasileiros pela Escola da Ponte.

A escola está inserida no sistema público de educação e localiza-se em Vila das Aves (no norte do país, próximo à cidade do Porto), em Portugal. Sua concepção recebeu influências do Movimento da Escola Nova e do Movimento da Escola Moderna, superando os modelos educativos tradicionais, levando a criar um projeto fundamentado na Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade.

Na Escola da Ponte existe uma forma muito específica de se aprender: os alunos são divididos em núcleos onde estudam em grupos cooperativos, em espaços coletivos nos quais os professores trabalham juntos. Os alunos não seguem um currículo pré-estabelecido para todos; cada aluno faz seu percurso próprio na escola, estudando a partir de seu interesse e motivação.

### **2.1 Histórico**

Segundo o documento “Fazer a Ponte” (1996), até 1976 a Escola da Ponte encontrava-se em um polo no qual se concentravam mais cinco prédios escolares, entre antigas escolas primárias da região. Nessa época, o país havia recém-saído de uma ditadura de 48 anos e estava imbuído de um espírito de mudança resultante da Revolução de Abril de 1974. As escolas públicas encontravam-se em elevado estado de precariedade. A violência aumentava a cada dia, o que conseqüentemente desmotivava e desmoralizava os profissionais da educação. O ensino, baseado em manuais iguais para todos, também era uma das causas do desinteresse instaurado. Outra causa encontrava-se na estrutura física do local, que estava em decadência. O documento traz que:

Em 1976, era preciso repensar a escola toda, pô-la em causa. A que existia não funcionava. Os professores precisavam mais de interrogações do que de certezas. Num modo de agir não-acomodado, na modificação do entendimento do que é uma escola e na sua reinvenção se investiriam os últimos vinte anos. (FAZER A PONTE, 1996, p.2)

A Escola, enquanto equipe, passou então a levantar questões sobre seus problemas e deficiências, chegando-se à conclusão de que se necessitava de uma verdadeira revolução pedagógica. O professor José Pacheco, então diretor da escola, foi um dos idealizadores de tamanha mudança, pois durante sua vida como educador passou a questionar o sentido da educação tradicional e o que chamava de fundamentalismo pedagógico.

A partir dessa necessidade de mudança, desse desacomodar, foram desencadeando-se situações de interrogação e reflexão, que deram início aos processos de mudança. Uma delas era a forma de relação da escola com os encarregados pela educação dos estudantes. O documento aponta que nesta época o trabalho escolar era totalmente centrado na figura do professor, marcado pela repetição de lições, manuais iguais para todos e passividade. Em outra reflexão trazida sobre o trabalho pedagógico existente na Escola, o documento acrescenta:

Obrigiar cada um a ser outro-igual-a-todos é negar a possibilidade de existir como pessoa livre e consciente. Não raras vezes, sob rótulo e o estigma da diferença, se priva a criança diferente de experiências que lhe permitiriam ganhar consciência de si como ser-social-com-os-outros. (Idem, Ibidem, p. 4)

Foi assim que, após diversas discussões entre a equipe da Escola da Ponte, resolveu-se abolir as divisões por séries, as “provas”, as salas de aulas no formato tradicional e as divisões por disciplinas, visando alicerçar sua proposta pedagógica para o exercício da autonomia e da liberdade. O trabalho do professor, que antes era solitário - o que o documento chama de “monodocência”-, assumiu um caráter compartilhado, desenvolvido em coletivo com professores e estudantes, que passaram a desenvolver atividades de educação em grupos de cooperação entre si, em um processo de troca e construção coletiva, no qual se aprende e ensina ao mesmo tempo. Portanto, a Escola tomou como objetivos na sua organização:

Concretizar uma efectiva diversificação das aprendizagens tendo por referência uma política de direitos humanos que garanta as mesmas

oportunidades educacionais e de realização pessoal a todos os cidadãos, diferentes ou não, para que o bem estar de uns não se realiza em detrimento do de outros. Promover nos diversos contextos em que decorrem os processos formativos uma solidariedade activa e uma participação responsável. (FAZER A PONTE, 1996, p.7)

Com o passar do tempo, o projeto educativo da Escola vai cada vez mais tomando força e se fundamentando em uma educação promotora de autonomia e liberdade para os seus educandos. Em 2008, com base nos bons resultados alcançados pela escola, a mesma conseguiu tornar-se autônoma do Ministério da Educação e Ciência (MEC) de Portugal, por meio de um contrato de autonomia assinado que tem vigência até o ano letivo de 2015/2016. O documento “Contrato de Autonomia” (2005) assume diversas metas para a escola, a fim de compreendê-la como proponente de uma estrutura pedagógica capaz de inspirar outras instituições e quiçá nortear a reformulação do sistema educativa como um todo.

Segundo o Projeto Educativo, a escola tem norte pedagógico o “Fazer a Ponte”, que visa a formação de pessoas autônomas, responsáveis, solidárias, mais cultas e democraticamente comprometidas na construção de um destino coletivo e de um projeto de sociedade que potencialize a afirmação das mais nobres e elevadas qualidades de cada ser humano. Para tanto, a Escola da Ponte integra e corresponsabiliza todos os envolvidos da comunidade escolar na sua construção – o indivíduo se faz no coletivo e o coletivo se alimenta da singularidade de cada um.

## **2.2 Organização pedagógica**

A Escola da Ponte não se divide em ciclos ou séries. Os educandos em idades diferentes organizam-se em pequenos grupos de projetos de pesquisa, a partir de interesses em comum. Os pequenos grupos não são fixos: à medida que estes grupos vão sendo formados e depois se desfazem, de acordo com o tema ou interesse em comum, as relações afetivas que os estudantes estabelecem entre si também influenciam a composição dos mesmos.

Os estudantes não têm um único professor, mas acesso a todos os orientadores educativos, que os acompanham e auxiliam em todas as questões que envolvem o cotidiano escolar, desde as de aprendizagem até questões comportamentais.

A base do Projeto Educativo não se divide por disciplinas, como identificamos em boa parte das escolas de ensino tradicional. Segundo o site da Escola da Ponte, a mesma organiza seu projeto em dimensões. No total são seis dimensões, apoiadas por educadores e psicólogos:

- Linguística: Português, Inglês e Francês;
- Identitária: História e Geografia de Portugal, Geografia;
- Naturalista: Estudo do Meio, Ciências Naturais, Ciências Físicas e Naturais, Físico e Química;
- Lógico Matemática: Matemática;
- Artística: Educação Física, Educação Musical, Educação Tecnológica, Educação Visual e Tecnologias de Informação e Comunicação;
- Pessoal e Social: Educação Especial, Serviços de Psicologia e Desenvolvimento Pessoal e Social. (<http://www.escoladaponte.pt>)

Cada estudante escolhe um tutor, que será responsável por orientá-lo no percurso pedagógico que ele estabelece para si mesmo. O professor tutor acompanha o trabalho do grupo, sendo a tutoria realizada por meio de orientação e auxílio no trabalho individual desenvolvido pelos integrantes do grupo. Nestes encontros o tutor desenvolve, também, laços com o grupo, por meio do diálogo e de atividades conjuntas. Dessa forma, o estudante e seu tutor avaliam juntos como foi o processo de aprendizagem, se os objetivos foram alcançados, se ficou alguma dúvida e se a criança está satisfeita com o que alcançou. No lugar de provas, o tutor e estudante estabelecem quais estratégias e instrumentos utilizarão para avaliar a aprendizagem, em um processo bastante dialógico.

O processo individual de cada aluno passa por três Núcleos distintos: de iniciação, consolidação e aprofundamento.

Na iniciação, o estudante é tutorado com maior frequência e passa a aprender as regras de convívio coletivo e os compromissos que assume com os demais e com o seu próprio processo de aprendizagem.

Na consolidação, a necessidade de acompanhamento diminui, o estudante assume maior trânsito nos espaços e tempos da escola e passa a gerir de forma mais autônoma o currículo nacional destinado ao 1º ciclo do ensino básico.

No núcleo de aprofundamento, as crianças e adolescentes assumem um comportamento bastante autônomo, participam do gerenciamento das suas atividades e de atividades do coletivo e assumem o estudo do currículo nacional do 2º ciclo.

A proposta pedagógica da Escola da Ponte tem como valores matriciais de seu projeto educativo a autonomia, a solidariedade, a responsabilidade e a democracia. Tais valores não se limitam a constar no documento orientador, mas se fazem de fato presentes no cotidiano da escola, nas ações diárias desenvolvidas pelo coletivo. A oportunidade de observar algumas dessas práticas pessoalmente me permitiu ver como esses valores ganham corpo no dia-a-dia da escola, não são algo imposto, ou limitado ao discurso de quem convence, mas algo construído e compreendido nos processos de interação e relação interpessoal.

Os valores matriciais do projeto se materializam na prática por meio dos dispositivos pedagógicos utilizados pela escola, tais como: a definição dos direitos e deveres, a assembleia, os grupos de responsabilidades, “eu já sei”, “acho bem/acho mal”, a caixinha de segredos, a comissão de ajuda, dentre outros, que são objeto de pesquisa do presente trabalho. Estes dispositivos pedagógicos serão objeto de reflexão e análise no capítulo 4, onde abordarei mais profundamente cada um deles e seus contributos no que concerne uma educação na/para a autonomia.

### **CAPÍTULO 3 - O CAMINHO ATÉ A PONTE**

Este capítulo tem como objetivo explicitar a metodologia da pesquisa utilizada, bem como seus instrumentos.

O presente trabalho teve como objetivo compreender a construção e o desenvolvimento da autonomia de crianças em um ambiente educativo inovador, que neste caso foi a Escola da Ponte. A metodologia do trabalho está baseada na abordagem qualitativa. Segundo Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (1995, p.21-22).

Esta abordagem justifica-se pela natureza da pesquisa desenvolvida, pois não se busca neste trabalho quantificar dados. O que se propõe, na verdade, é uma reflexão acerca de fenômenos educativos que implicam em um olhar subjetivo em relação a um determinado contexto e às relações educativas dos sujeitos no mesmo.

É fundamental compreender a pesquisa qualitativa como um processo de comunicação e de relacionamento. De acordo com González Rey (2002), neste tipo de pesquisa o conhecimento se constrói essencialmente no processo de comunicação entre pesquisador e pesquisado, no qual os sujeitos pesquisados não são meros reservatórios de respostas, mas os interlocutores têm oportunidade de aprender.

Segundo o mesmo autor, a teoria é um processo vivo que adquire sentido com o empírico. A teoria torna-se uma construção sistemática de ideias. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um sujeito concreto da construção teórica e o sujeito pesquisado é elemento ativo. O sujeito participante não contribui apenas com respostas e atitudes esperadas, mas é um sujeito intelectualmente ativo que produz ideias durante o processo de pesquisa.

As técnicas utilizadas para a pesquisa foram: análise documental, observação não participante e a revisitação do contexto educativo observado, por meio da reconstrução dos registros de um diário de bordo.



### **2.3 Análise documental**

Segundo Ludke e André (1986), a análise documental constitui-se em uma importante técnica de abordagem de dados qualitativos, seja como forma de complementar informações obtidas por meio de outras técnicas, seja apresentando novos aspectos a respeito do tema ou problema pesquisado. São considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (Philips, 1974, p.187, apud Ludke e André, 1986, p. 38).

Segundo Oliveira (2007) os documentos são registros escritos que proporcionam informações em prol da compreensão dos fatos e relações, ou seja, possibilitam conhecer o período histórico e social das ações e reconstruir os fatos e seus antecedentes, pois se constituem em manifestações registradas de aspectos da vida social de determinado grupo.

Para Moreira (2005) a análise documental consiste em identificar, verificar e apreciar os documentos com uma finalidade específica e, nesse caso, preconiza-se a utilização de uma fonte paralela e simultânea de informação para complementar os dados e permitir a contextualização das informações contidas nos documentos. A análise documental deve extrair um reflexo objetivo da fonte original, permitir a localização, identificação, organização e avaliação das informações contidas no documento, além da contextualização dos fatos em determinados momentos.

No contexto deste trabalho de pesquisa foram utilizados livros e documentos que referem-se à Escola da Ponte tais como “Escola da Ponte: formação e transformação da educação” (2011), os Projetos Educativos Fazer a Ponte (1996;2003) e ainda o “Dicionário de valores” (2012), como forma de compreender melhor sua proposta pedagógica, de resgatar sua história e de caracterizar seus instrumentos e dispositivos pedagógicos no que concerne as práticas educacionais e, mais especificamente, o desenvolvimento da autonomia de seus educandos.

### **2.4 Observação**

Segundo Ludke e André (1986), a observação vem ocupando um papel importante nas novas abordagens de pesquisa educacional, muitas vezes utilizada como método principal de investigação ou associado também com outras técnicas de

coleta. A observação possibilita um contato maior entre o pesquisador e o fenômeno, devido ao contato pessoal estabelecido durante o processo.

Por meio dessa técnica, o pesquisador observa os fatos e acontecimentos no espaço educativo e os registra a partir de sua leitura dos mesmos. Portanto, o observador é também um intérprete da realidade. Por isso, a pesquisa baseada na observação não pode ser neutra, porque passa necessariamente pelas referências e percepções do observador (Idem, *Ibidem*).

Nesta pesquisa, estive no papel de observadora não-participante, ou seja, impossibilitada de interagir com os sujeitos, sem interferir intencionalmente na realidade pesquisada, exceto na situação inicial de apresentação da escola. Mas é difícil desconsiderar a participação do pesquisador, porque ele está em contato direto com o fenômeno a ser estudado, modificando-o e sendo modificado por ele (TOZONI-REIS, 2009, p. 25). Por isso, não posso afirmar que minha presença tenha sido neutra e indiferente naquele contexto, frequentado usualmente por tantos observadores de outros países. Como afirma González Rey (2002), a presença do pesquisador é elemento de sentido que afeta a pesquisa.

A observação foi, portanto, um dos elementos chave deste trabalho, que ocorreu no contexto de um intercâmbio acadêmico para Portugal, por meio de acordo entre a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto. No decurso de seis visitas realizadas, nos meses de março e abril do ano de 2014, com duração aproximada de 30 horas, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente a proposta pedagógica da escola da Ponte e observar seu cotidiano, registrando-o em um diário de bordo. Infelizmente, as anotações feitas foram perdidas. Por esse motivo, revisitei a memória do processo vivenciado, reconstruindo na monografia o diário de bordo original.

## CAPÍTULO 4 - CRUZANDO A PONTE

Este capítulo destina-se à discussão e análise da pesquisa realizada. O que se propõe é uma reflexão crítica sobre a proposta de educação inovadora da Escola da Ponte, buscando analisar a sua prática de ensino/aprendizagem e os seus dispositivos pedagógicos, no sentido de compreender o processo de desenvolvimento de autonomia dos educandos.

Como já referido anteriormente no trabalho, a Escola da Ponte vem há mais de 30 anos construindo um modelo de educação inovador que visa se afastar das características do ensino tradicional, buscando práticas assentadas em valores como: o da Solidariedade e Democraticidade, Autonomia, Liberdade, Responsabilidade e Cooperação. Seu projeto educativo norteia-se por vários princípios, os quais são responsáveis pela criação de uma grande diversidade de dispositivos pedagógicos. No seu conjunto, estes suportam toda a dinâmica de trabalho e promovem uma autonomia responsável e solidária, exercitando-se permanentemente o uso da palavra como instrumento autônomo da Cidadania.

Pacheco traz uma contribuição importante para compreensão da Autonomia enquanto valor norteador da prática educativa da Escola que conduz à autoaprendizagem, chamando atenção para o processo dialético que envolve os objetivos dos professores conceitualmente respaldados e os interesses, expectativas e motivações dos alunos:

Na Escola da Ponte, o valor da autonomia encontra a sua expressão máxima nas atividades realizadas pelas crianças. Estas atividades, porque são planejadas pelos alunos e orientadas pelos professores, potenciam o trabalho autônomo e no sentido da autoaprendizagem, que permite que o aluno construa o seu conhecimento de forma ativa e participada. Contudo, não se pense que o professor, à luz deste modelo, deixou de ter qualquer preocupação no processo de ensino e de aprendizagem. O seu papel apenas se alterou, deixou de ser o protagonista central, para passar a ser também um ator que auxilia os alunos na construção do seu conhecimento. Deste modo e porque o trabalho autônomo não significa trabalho independente (no sentido do trabalho isolado), os alunos necessitam da colaboração do professor, que orienta as atividades de acordo com os interesses dos alunos. Uma vez que as atividades se inserem num processo dialético que deverá conjugar os interesses, expectativas e motivação dos alunos e os objetivos dos professores, elas enquadram-se em princípios de organização servidos por uma fundamentação teórica que promove a

sua legitimação, e que foi elaborada e reelaborada ao longo dos anos (PACHECO, 2001, p. 13).

Desta forma, a proposta pedagógica da Escola da Ponte busca realmente não apenas incluir estes valores no documento orientador, mas torná-los presentes no cotidiano da escola, nas ações diárias desenvolvidas pelo coletivo. A oportunidade de observar algumas dessas práticas, as conversas informais e os documentos estudados evidenciaram a associação direta destes valores com o projeto Fazer a Ponte, sobre o que falarei agora, tentando refletir criticamente a respeito da experiência vivenciada.

Minha primeira visita à Escola da Ponte foi um misto de expectativa e muita curiosidade para conhecer aquela escola sobre a qual, não poucas vezes, ouvi falar durante a minha graduação e também pude ler a respeito nas entusiasmadas crônicas de Rubem Alves sobre a mesma.

A visita foi organizada por um grupo no Facebook chamado Intercambistas na Universidade do Porto. Este grupo busca acolher os intercambistas, realizando passeios em grupos como forma de promover interação entre os recém-chegados no Porto. A visita foi agendada por email, e realizada com um grupo de dez intercambistas, a maioria brasileiros, interessados em conhecer a Escola.

Ao chegar, fomos recebidos em um salão com mesas redondas distribuídas em uma parte do mesmo. No fundo havia uma parede com uma foto grande das crianças e ao lado um grande livro com algumas palavras sobre a escola. Após a entrada fomos identificados e depois recebidos por uma orientadora que passou algumas informações. Neste momento sou surpreendida com a notícia de que serão as crianças que irão nos apresentar a escola. Imagina só a surpresa! Sinto-me como Rubem Alves em sua obra “A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir” (2001), ao descrever sua primeira visita:

A escola da ponte é dirigida por José Pacheco, um educador de voz mansa e poucas palavras. Imaginei que ele seria meu guia e explicador. Em vez disso ele chamou uma aluna de uns dez anos que passava e disse: “Será que tu poderias mostrar e explicar a nossa escola a este visitante?” Ela acenou que sim com um sorriso e passou a me guiar. Antes de entrar no lugar onde as crianças estavam, ela parou para me dar a primeira explicação, que tinha por objetivo, imagino, amenizar a surpresa (ALVES, 2001, p. 40-41).

Este foi o primeiro ponto marcante para a minha compreensão de que o projeto educativo desenvolvido ali fugia do tradicional, buscando centrar a sua proposta em outras questões. Após o primeiro momento de surpresa, somos então recebidos pelas crianças, que no caso do nosso grupo, foram duas, uma de sete anos e outra de onze anos. Elas se apresentam e passam algumas outras informações sobre a visita. Depois apresentam os direitos e deveres dos visitantes e pedem para que leiamos com atenção. Um dos direitos é o de “ser guiado por um aluno na visita à escola” e alguns deveres são os de “não fotografar”, “fazer o máximo de silêncio possível em cada espaço”, “não interromper as atividades que estejam ocorrendo durante a visita”. Esta fase de recepção e acolhimento foi bastante tocante e especial para mim. A maneira como aquelas crianças docemente nos recebiam e conduziam a visita, sem dúvida nenhuma foi um dos pontos que me cativou logo de início.

Após o acolhimento, a visita se inicia de fato. Vamos adentrando a Escola e as duas crianças vão apresentando cada espaço da escola e simultaneamente explicando a proposta da Ponte. Logo na primeira sala que entramos é possível ver que a estrutura física da escola caminha entrelaçada com a sua proposta pedagógica. A sala é grande por não haver divisões, são várias mesas redondas em que as crianças sentam juntas, contrastando com as tradicionais fileiras com as quais fui acostumada durante meu trajeto educacional.

Após as observações e o estudo mais aprofundado acerca da proposta da Ponte, descubro que as crianças que realizam o trabalho de acompanhar os visitantes e apresentar a escola, enquanto espaço e proposta, fazem parte do “Grupo de responsabilidade” da escola. Elas candidatam-se no início do ano letivo para receberem os visitantes e é organizado um grupo que se reveza a cada visita, de maneira a não atrapalhar o desenvolvimento escolar das crianças.

#### **4.1 Grupos de responsabilidade**

O “Grupo de responsabilidade” é um dispositivo pedagógico utilizado pela Escola da Ponte, onde cada aluno e orientador educativo ficam responsáveis por alguma atividade referente ao funcionamento da escola. Entre as atividades estão: as visitas à Ponte, biblioteca, o jornal da escola, os murais, as datas e eventos, a arrumação e o material comum, etc. Estes “Grupos de responsabilidade” reúnem-se uma vez por semana para resolverem os assuntos relativos ao grupo e estruturarem as atividades

que devem ser desenvolvidas. Acredito que este instrumento seja uma maneira de desenvolver a competência de responsabilidade das crianças, estimulando ao mesmo tempo o trabalho cooperativo.

O universo escolar, os rituais, os dispositivos, não são absolutamente estranhos aos alunos, como em muitas escolas. Pelo contrário, eles dominam seu sentido, a ponto de poderem explicar a qualquer visitante que chega. Num certo momento da apresentação da escola, dei-me conta da cena: cinco adultos em volta de uma criança, ansiosos, querendo saber tudo da escola, e ela, com paciência, tudo explicando. Como são subvertidas as noções de saber e as relações pedagógicas! Habitualmente o saber é percebido como centrado no adulto, que supostamente o “transmite” à criança. Como, na Ponte, as relações se tornam mais horizontais, uma verdadeira troca de saberes é realizada, com as crianças contribuindo para a formação de futuros educadores, que por sua vez irão mediar a formação de crianças. Naquele momento, a voz de Paulo Freire parece emergir como nunca do longínquo Brasil: “Não há docência sem discência (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p. 23)

A questão de as visitas serem guiadas pelas crianças demonstra o caráter autônomo do projeto, no sentido de que elas são sujeitos ativos do seu próprio processo de ensino/aprendizagem, e portanto, têm total compreensão deste processo e conhecimento sobre aquele espaço pedagógico, que é principalmente construído com elas, para explicá-lo e apresentá-lo para os visitantes. Isto fica nítido durante toda a visita, pelo domínio que eles têm sobre cada aspecto referente ao funcionamento da escola. É uma forma de legitimação do espaço de participação destes sujeitos.

## **4.2 Plano quinzenal e Plano do dia**

No que se refere ao processo de ensino/aprendizagem, a Escola da Ponte tem sua forma particular de desenvolvê-lo. As crianças explicam que os orientadores educativos se reúnem com os educandos para planejarem o que vão fazer coletiva e individualmente, elaborando um “Plano quinzenal”, no qual as crianças escolhem também o tema sobre o qual irão estudar durante estes quinze dias; a partir desse plano, cada um traça diariamente as suas tarefas, organizando um plano diário. Esta postura dialógica e corresponsável sugerida por Freire (1996) desaliena as relações,

fazendo com que o educando e orientador não sejam objetos, mas parceiros de uma avaliação formativa.

A avaliação realizada é contínua e não objetiva mensurar, classificar, punir ou premiar, muito pelo contrário, o educando é engajado ativamente no seu próprio processo de aprendizagem. A avaliação realizada ao final do plano quinzenal é realizada conjuntamente pelo tutor e educando, que em acordo buscam a melhor maneira de avaliar o conhecimento construído.

### **4.3 Eu já sei**

No âmbito da avaliação relacionada ao plano quinzenal, é utilizado o dispositivo “Eu já sei”, em que, quando o educando sente que já domina um conteúdo, expressa para o orientador educativo que está preparado para ser avaliado. O educando e o orientador educativo são quem escolhe a forma como será feita a avaliação: ficha de trabalho, conversa, trabalho prático, apresentação, entre outras possibilidades. Essa forma de avaliar estimula a autonomia dos educandos, uma vez que eles não são passivos nesse processo, mas participam ativamente a partir de um processo auto avaliativo em que reconhecem estarem preparados para serem avaliados.

Este dispositivo desenvolve a responsabilidade na aprendizagem. É através dele que cada educando se propõe ser avaliado. Este momento requer uma atitude de responsabilidade perante si e perante os outros.

### **4.4 Preciso de ajuda/Posso ajudar**

Ainda referente a este processo, pude observar também os dispositivos “Preciso de Ajuda” e “Posso ajudar”. Ao entrar nas salas era possível ver os cartazes espalhados para que as crianças pudessem utilizar. Sempre havia muita coisa escrita, como por exemplo, no “Preciso de Ajuda” em subtração, ou ainda no “Posso Ajudar” em gêneros discursivos. Eram dois cartazes distintos, um para cada dispositivo, não se separavam por temas ou conteúdos, os educandos colocavam ali aquilo em que necessitavam de ajuda ou ainda aquilo em que podiam ajudar.

Esses dispositivos se expressam por meio da manifestação, em espaços coletivos da escola, daquilo que o educando avalia que já sabe e pode contribuir com os outros, ou ainda, daquilo que não sabe e necessita de ajuda para aprender.

Desta maneira, o educando participa de maneira solidária, autônoma e responsável quando acredita já ser capaz de contribuir no aprendizado dos demais por meio do dispositivo “posso ajudar”, da mesma forma que revela que necessita de auxílio para consolidar no seu processo de aprendizagem por meio do “preciso de ajuda”. Portanto, reconhece-se que todos podem aprender, a seu tempo, e com a colaboração do outro, superando-se a tradicional visão dicotômica de “sabe” ou “não sabe” centrada no sujeito isoladamente. O saber nessa dinâmica constrói-se em cooperação entre os educandos, respeitando o ritmo de cada um e valorizando também o conhecimento construído de cada sujeito.

#### **4.5 Assembleia**

Neste quadro de referência encontramos como dispositivo pedagógico a Assembleia. A assembleia é um espaço de discussão sobre todo o funcionamento da escola. É neste espaço que também são decididos de maneira democrática entre as crianças, “os direitos e deveres” que consideram fundamentais para o funcionamento da escola. Os direitos e deveres também são uma forma de orientar a convivência coletiva, onde os educandos constroem coletivamente as responsabilidades que assumem individualmente e também as de grupo. Isto gera uma conscientização por parte das crianças a respeito dos direitos que possuem e também dos deveres que devem ser cumpridos.

Acompanhei o início de uma Assembleia. A assembleia foi realizada em um auditório da escola, com uma mesa organizada com os membros que a compõem – presidente, secretário etc. Aos poucos começam a chegar as crianças da iniciação, transição e aprofundamento, e o lugar vai tomando vida. O clima é de cooperação e respeito, as crianças prestam bastante atenção em tudo que vai sendo colocado e debatido, mesmo os pequeninos. Acredito que a duração seja em torno de 1 hora. O presidente da mesa levanta a mão e espera que todos prestem atenção, para só então dar início a assembleia. Ele lê a ata e abre para que cada membro da mesa possa encaminhar os assuntos de competência de cada um dentro os assuntos encaminhados. Recordo-me de haver a aprovação da ata da assembleia passada, recados da comissão de ajuda, comemoração da Revolução de 25 de Abril, etc. São diversos os assuntos que podem ser encaminhados na assembleia, vão desde questões referentes ao funcionamento e organização da escola, até questões como



datas comemorativas e outros projetos, havendo também um espaço aberto aos pais, professores e visitantes para pronunciamentos ou recados. Para falar tem que se pedir a vez com a mão levantada. As crianças falam, concordam, discordam, encaminham. Participar de uma assembleia foi emocionante durante a minha experiência. O clima de respeito, cooperação e responsabilidade das crianças era algo notável e lindo de se ver e participar.

Como pude perceber, a assembleia é um dos espaços de materialização máxima dos princípios norteadores do projeto, expressão viva de uma autêntica democracia participada, pois estimula o envolvimento dos alunos na sua organização e nos processos de tomada de decisão relativos à escola. Esta também se constitui como elemento importante na construção de cidadãos ativos e participativos, exercitando uma lógica de “aprender a conviver” e “aprender a ser”, o que nos remete para o importante relatório da UNESCO, “Educação, um tesouro a descobrir” acerca das preocupações e princípios da Educação para o século XXI:

Aprender a conviver, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerenciar conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz. Aprender a ser, para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se (UNESCO, 1996, p.31).

São feitas semanalmente reuniões com toda a comunidade escolar, em momentos de trabalho coletivo, onde se discutem todos os assuntos considerados relevantes para o cotidiano escolar, como por exemplo datas comemorativas, problemas apontados pelos grupos de responsabilidades, questões trazidas pela comissão de ajuda, etc. As eleições para compor a mesa da Assembleia são realizadas anualmente, no início do ano letivo. Os assuntos discutidos semanalmente são previamente divulgados na convocatória e as sessões registradas em atas.

Este tipo de instrumento pedagógico rompe com a lógica do ensino tradicional, buscando descentralizar as decisões e a gestão da escola. Proporciona um tempo de exercício da cidadania coletiva e individual, onde cada um tem vez e voz neste processo, que é principalmente dirigido pelas crianças que compõem aquele espaço,

vivendo um processo de empoderamento coletivo, de inclusão e construção da cidadania e da democracia participativa.

#### **4.6 Acho bem/Acho mal**

O dispositivo que também tem ligação direta com a Assembleia é o “Acho bem/Acho mal”. Tem sua origem na avaliação que os alunos fazem do seu cotidiano, e é expresso por meio de cartazes que ficam nos murais da escola. Nesses cartazes os alunos expressam suas opiniões sobre o que gostam ou não dentro da escola. As opiniões registradas nos cartazes também são incluídas enquanto assunto para debate na Assembleia. Um exemplo observado no dispositivo “acho mal” dizia respeito a uma criança que estava batendo em alguns colegas.

Este dispositivo possibilita que a criança se assuma enquanto sujeito ativo do processo, construtor de um coletivo, expressando sua visão e aprendendo a lidar com a visão do outro. Segundo Freire, para a prática de uma educação autônoma é necessário que os sujeitos se assumam “como ser social e histórico, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.” (2007, p. 41).

Para que o educando seja motivado a assumir-se, o educador deve respeitar sua autonomia. É neste sentido que se justifica a importância de dispositivos como este, que estimulam não só a assunção do sujeito, mas também sua capacidade de compreender as contradições do próprio pensamento e de compreender a visão do outro, construindo limites na convivência coletiva e gerando respeito às diferenças.

#### **4.7 Comissão de ajuda**

A comissão de ajuda é outro dispositivo que tem ligação direta com a Assembleia e com o dispositivo “Acho mal”. Trata-se de uma comissão constituída por membros da assembleia que tem como missão resolver os problemas mais graves colocados na assembleia, tendo também como função recolher as informações colocadas no “acho mal”, e buscando encontrar soluções para os problemas relatados.

As decisões dessa Comissão guiam-se pelos direitos e deveres definidos pelos alunos, onde as crianças comprometem-se a cumprir os direitos e deveres estabelecidos em conjunto.

Este dispositivo estimula a autonomia responsável do educando, promovendo a participação e o exercício da solidariedade. As crianças buscam, em conjunto, soluções para os diversos problemas apontados no cotidiano, desde problemas referentes ao funcionamento da escola, até problemas relacionais, de tal maneira que haja verdadeira cooperação entre o grupo.

Desta maneira, se a criança conviver em um ambiente cooperativo, e, portanto, democrático, que solicite trocas sociais, no qual seja respeitada pelo adulto e participe ativamente dos processos de tomada de decisões, assim como de sua implementação, poderá atingir sua autonomia, tornando-se uma verdadeira cidadã.

#### **4.8 Caixinha de segredos**

O último dispositivo observado foi a “Caixinha de segredos”, uma caixinha de papelão que se encontrava nas salas coletivas, onde as crianças podiam depositar seus segredos. Este dispositivo consiste em uma caixinha que tem como intuito oferecer um espaço para os educandos compartilharem algo em segredo; podem ser recados, cartas, pedidos de ajuda, desabafo, críticas, etc. Estes recados podem ser anônimos ou assinados.

José Pacheco, em uma entrevista, cita um exemplo de recado deixado na caixinha: “ Professor fulano, ontem meu pai bateu na minha irmã, a chamou de vadia e ela falou que vai se matar. Não sei o que fazer”. E explica também que em casos como este, os responsáveis em gerenciar a caixinha dão o recado para o professor, que imediatamente vai de encontro ao aluno para ajudá-lo. (Entrevista com José Pacheco, s/d, documento eletrônico)

Acredito que este espaço proporcionado para que as crianças possam expressar aquilo que desejam, desde recados a pedidos de ajuda, contribui para fortalecer as relações interpessoais destes sujeitos, expressa também a intenção de uma educação amorosa, que se preocupa e busca cuidar do outro, oferecendo espaço para as crianças assumam o seu “eu” e as suas angústias. A “livre expressão” é um dispositivo fundamental da educação criado por Freinet em sua Pedagogia, denominada de “Método Natural”, desenvolvido no âmbito do Movimento da Escola Moderna (ELIAS, 1979). Desta maneira contribui-se para promover a afetividade e cumplicidade entre os sujeitos envolvidos, tanto entre as próprias crianças, como entre as crianças e os professores.

Segundo Freire (1996), ser autônomo não significa autossuficiência, mas sim estar aberto à comunicação com o outro, com o diferente. Neste sentido, as relações interpessoais têm um papel importante no que se refere a construção da autonomia. É na escola que as crianças iniciam sua vida social, e é também neste ambiente que este sujeito tem seus primeiros conflitos interpessoais, aprendendo a aceitar e conviver com as diferenças.

Portanto, todos os dispositivos analisados neste capítulo demonstraram ter ligação de maneira direta ou indireta com a construção de autonomia dos educandos. São dispositivos que buscam desenvolver uma autonomia responsável e solidária, vivenciada de maneira democrática nas relações cotidianas estabelecidas neste ambiente educativo. Estes dispositivos estimulam a construção e desenvolvimento da autonomia dos educandos, por propiciarem espaços e maneiras para que os mesmos possam refletir criticamente sobre os processos que o cercam e que ao mesmo tempo o constroem, participando ativamente também destes processos.

Sendo assim, os dispositivos pedagógicos para a Escola da Ponte assumem o valor e significado explicitado no documento de auto avaliação da mesma:

Nos termos do nosso Projeto Educativo, o dispositivo pedagógico é entendido como suporte de uma cultura organizacional específica, sendo considerado nessa qualidade toda e qualquer manifestação (identificada como rotina, estratégia, material, recurso...) que contribua para a produção, reprodução e transformação da cultura numa determinada comunidade educativa. (AUTOAVALIAÇÃO DA ESCOLA DA PONTE, 2012, pg. 116-117)

Ou seja, compreende-se neste contexto que são ferramentas construídas em cooperação por todos os sujeitos envolvidos, que se baseiam na realidade daquele contexto, onde reflete-se criticamente sobre esta realidade e busca se construir estas ferramentas como forma de auxiliar no processo de ensino/aprendizagem e nas práticas cotidianas, favorecendo a construção da autonomia dos estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse por uma pesquisa com estas dimensões surgiu como consequência da busca por alternativas às inúmeras dificuldades existentes na educação atual. A escolha sobre pesquisar o processo de construção da autonomia em ambientes educativos, tomando como base a proposta da Escola da Ponte, decorreu de inúmeros questionamentos e reflexões acerca do papel transformador do educador e das possibilidades de superação das marcas tradicionais de autoritarismo e dependência ainda presentes nos dias atuais na educação brasileira.

Para analisar o processo de construção da autonomia dos educandos na Escola da Ponte foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio da análise documental, observação não participante e reconstrução de um diário de campo. O objetivo da pesquisa foi investigar a proposta pedagógica da Ponte e os seus dispositivos pedagógicos, no sentido de compreender e refletir como estes dispositivos contribuem para a construção da autonomia dos educandos.

Nesse sentido, busquei no primeiro capítulo fundamentar a pesquisa, refletindo sobre o conceito de autonomia à luz de teóricos como Gadotti, Piaget, Freire e Pacheco. A partir disto, pude compreender melhor o significado da autonomia e suas implicações para uma educação enquanto prática libertadora. No segundo capítulo adentrei na proposta da Escola da Ponte, contextualizando-a historicamente e caracterizando seu projeto educativo, como forma de compreender melhor o contexto da pesquisa. O terceiro capítulo abordou a metodologia utilizada nessa pesquisa. Logo, foi possível no quarto capítulo refletir sobre o processo de construção da autonomia na Escola da Ponte com base na prática vivenciada, com especial atenção aos dispositivos pedagógicos nela desenvolvidos.

A relevância de uma investigação desse tema se dá pelo fato de que:

(...) uma educação que visa promover a autonomia deve atentar para a formação do ser humano e não apenas para o ensino-aprendizagem de conteúdos. Dessa forma, precisa atentar para todos os elementos envolvidos na educação: a postura do professor, da direção, a situação material da escola, a participação dos pais, os conteúdos a serem apreendidos, etc. A formação ocorre na interação de todos os elementos que envolvem a educação, por isso todos eles devem ser pesados de tal forma a contribuir para a aprendizagem crítica e para a construção gradativa da autonomia do educando. (ZATTI, 2007, p. 56)

Desta maneira, Zatti assinala a necessidade de se refletir sobre todos os elementos constitutivos do cotidiano escolar como forma de contribuir para a aprendizagem crítica e autônoma dos educandos.

Por meio desta pesquisa foi possível refletir sobre a autonomia enquanto conceito e valor fundamental para um processo de ensino-aprendizagem que se preocupe com a formação do indivíduo enquanto ser integral e sujeito do seu próprio processo formativo, que estimule o autoconhecimento e respeite as características individuais de cada sujeito, colaborando com a construção da sua identidade.

Sem a intenção de tomá-lo como modelo, mas como importante referência, pode-se refletir sobre o papel da escola da Escola da Ponte hoje, suas concepções, objetivos e práticas. Ao compreender a dinâmica do seu contexto educativo é possível refletir sobre a construção da escola pública pautada na aprendizagem colaborativa e significativa. Nesse cenário, o educando é entendido como sujeito ativo no processo educativo, responsável e autônomo, e o professor atua enquanto orientador no desenvolvimento deste sujeito, numa dimensão individual e coletiva.

Não estamos diante de uma miragem. O funcionamento da Escola da Ponte revela uma forma de lidar com as crianças que respeita mesmo as suas individualidades e as diferenças. Um educando que tem o poder de gerenciar seus estudos com autonomia mostra-se mais motivado, interessado e se sente respeitado. Neste processo cada criança é considerada única, com interesses e ritmos próprios, portanto reconhecida na sua singularidade. Mas, por outro lado, inscreve-se numa comunidade onde se constituem laços afetivos e de cooperação e responsabilidade pelo coletivo.

Os valores matriciais que inspiram o projeto, como a autonomia, dentre os outros já citados, caminham para uma nova forma de pensar e viver a escola. Estes valores não apenas estão previstos no Projeto educativo “Fazer a Ponte”, mas são de fato vivenciados no cotidiano. Autonomia não é um sonho a ser realizado no futuro, mas uma construção processual que dialoga, no cotidiano, com a solidariedade, a responsabilidade e a democracia.

É fundamental, na minha concepção, para uma educação mais humana que vise uma formação holística do sujeito e torne-o ativo nesse processo, proporcionar contextos formativos que estimulem a curiosidade, a liberdade e a participação, para que os educandos possam se fazer cada vez mais autônomos. Desafio que se coloca, com premência, à escola pública brasileira.

### **PARTE III: PERSPECTIVAS FUTURAS**

Minha trajetória acadêmica propiciou o contato com importantes temas referentes a educação, um aprendizado teórico aliado à prática, e também despertou em mim diversos interesses e projetos profissionais.

Tenho como desejo ingressar no Mestrado em Educação, seguindo a temática de práticas educacionais inovadoras como forma de buscar novos caminhos para a educação, visando sua mudança positiva.

Pretendo também ser professora da Secretária de Educação do Distrito Federal, buscando fazer a diferença na escola pública, estimulando a autonomia dos educandos, a sua curiosidade e autoconhecimento.

Tenho ainda como projeto de vida, para daqui há muitos anos, fundar uma escola, que reflita todos os valores que acredito ser fundamentais para uma educação enquanto prática de liberdade.

Por fim, continuo com muitos questionamentos e poucas certezas, mas acredito que isto seja fundamental para um educador que reflete constantemente sobre a sua prática, visando aperfeiçoá-la para uma educação humanitária e amorosa.

## REFERÊNCIAS

Alves, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 11ª ed. Campinas: Papyrus, 2001.

**Auto avaliação da Escola da Ponte**, 2012. Disponível em:

<[http://www.escoladaponte.pt/docs/Autoavaliacao\\_da\\_Escola\\_Basica\\_da\\_Ponte.pdf](http://www.escoladaponte.pt/docs/Autoavaliacao_da_Escola_Basica_da_Ponte.pdf)>  
. Acesso em: 28 jun. 2015.

ELIAS, Maria Del Cioppo. **O itinerário de Celestin Freinet: a livre expressão na pedagogia de Freinet**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

**ENTREVISTA COM JOSÉ PACHECO**, s/d. Disponível em:

<[http://www.obratecnologia.com.br/obra/portfolio/guia\\_educacao/entrevista.shtml](http://www.obratecnologia.com.br/obra/portfolio/guia_educacao/entrevista.shtml)>.  
Acesso em 24 de jun. 2015.

FÁVERO, A. M. **Por Uma Pedagogia da Autonomia Moral: As conexões entre as teorias da Moralidade de Piaget e Habermas**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Rio Grande do Sul, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 47 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 23ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, M. **ESCOLA CIDADÃ: uma aula sobre autonomia da escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LA TAILLE, Y. **Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget**. In: LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA. **Contrato de Autonomia**. Portugal, 2005.



MOREIRA, Sonia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.

OLIVEIRA, Alfredo Almeida Pino de. **Análise documental do processo de capacitação dos multiplicadores do projeto “Nossas crianças: Janelas de oportunidades”** no município de São Paulo à luz da Promoção da Saúde. 2007. 210 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Coletiva) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PACHECO, J. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de valores**. 1ª. ed. São Paulo: SM, 2012.

\_\_\_\_\_. **Fazer a ponte**, 2001. Disponível em: <<https://historiadaeducacaouergs.files.wordpress.com/2013/11/art-fazer-a-ponte-de-pacheco.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. 4ª. ed. São Paulo: Summus, 1994.

**PROJETO EDUCATIVO FAZER A PONTE**, 1996. Disponível em: <[http://www.escoladaponte.pt/site/index.php?option=com\\_jdownloads&view=viewcategory&catid=3&Itemid=289](http://www.escoladaponte.pt/site/index.php?option=com_jdownloads&view=viewcategory&catid=3&Itemid=289)>. Acesso em: 05 maio. 2015

**PROJETO EDUCATIVO FAZER A PONTE**, 2003. Disponível em: <[http://www.escoladaponte.pt/site/index.php?option=com\\_jdownloads&view=viewcategory&catid=3&Itemid=279](http://www.escoladaponte.pt/site/index.php?option=com_jdownloads&view=viewcategory&catid=3&Itemid=279)>. Acesso em: 11 maio. 2015

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A pesquisa e a produção de conhecimentos**. Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf> >. Acesso em 02 jun. 2015.

UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo: Cortez, 1996.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.